

AO MEU CARO QUINTÃO^(*)

Quintão, eu sei da saudade
Que te aperta o coração,
Dos nossos dias passados,
Que tão distantes se vão.

Vassouras!... belas paisagens
Cheias de vida e de côr,
Um céu azul e estrelado
Cobrindo uns ninhos de amor.

Árvores fartas e verdes
Pela alfombra dos caminhos,
A ermida branca e suave
De ternos, doces carinhos.

O nosso amigo Moreira
E a sua barbearia,
Onde uma vez me encontraste
Na minha noite sombria.

Detalhes cariciosos
Da vida singela e calma,
Vida de encantos divinos
Que eu via com os olhos d'alma.

Meus pobres versos — "Singelos",
"Aves implumes" da dor,
Que traduziam no mundo
O meu pungente amargor.

(*) «Parnaso de Além-Túmulo», Fed. Esp. Brasileira, 8.ª edição, págs. 191 e 421.

A minha pobre Carlota,
A companheira querida,
O raio de claridade
Da noite da minha vida.

Os artigos do Bezerra
De outros tempos, no "O País",
O mestre da Velha Guarda,
Unida, forte e feliz.

A tua doce amizade
A luz do Consolador,
Teu coração generoso
De amigo, irmão e mentor.

Ah! Quintão, hoje os meus olhos
Embebedam-se de luz,
Pelas estradas sublimes
Da santa paz de Jesus!

Mas não sei onde a saudade
É mais forte nos seus véus,
Se pelas sombras da Terra,
Se pelas luzes dos Céus.

CASIMIRO CUNHA

Esta poesia singela e, por assim dizer, intimamente pessoal, foi recebida em circunstâncias imprevistas e timbra episódios velhos de mais de 30 anos, que o médium não podia conhecer, atento mesmo a sua banalidade. *Singelos* e *Aves Implumes* são títulos de dois pequenos volumes de versos publicados em começos do século. *Carlota* é o nome da espôsa do poeta cego, também cegada de uma vista, por acidente, depois de casada. (Nota de M. Quintão).

DEPOIMENTO DE R. MAGALHÃES JÚNIOR^(*)

De sua excelente entrevista concedida ao jornal "A Noite" de 14 de agosto de 1944, destacamos apenas o seguinte trecho, para nossos estudos:

"Quem leia durante sessenta dias, noite e dia, dia e noite, apenas Euclides da Cunha, escreverá no estilo de Euclides sem notável esforço, sem fazer uma ginástica mental muito dura. A mesma coisa acontece com quem leia Machado de Assis, com quem leia Castro Alves. Quanto mais pessoal fôr o escritor, tanto mais facilmente êle poderá ser imitado. Mas a imitação exige, sem dúvida, qualidades de inteligência, um bom fundo de cultura, lógica na escolha dos assuntos e na exposição das idéias, em suma, uma certa consciência dos valores literários — e digo isto falando apenas na imitação intencional, que se argúi contra o Sr. Francisco Cândido Xavier, aliás Chico Xavier. E por essas mesmas razões declaro que, se Chico Xavier é um embusteiro, é um embusteiro de talento. Para um homem que fêz apenas o curso primário, sua riqueza vocabular é surpreendente. Sua facilidade de imitar seria um dom excepcionalíssimo, porque êle não imita apenas Humberto de Campos, mas Antero de Quental, Alphonsus de Guimaraens, Artur Azevedo, Antônio Nobre, etc.

Foram precisamente as quadrinhas atribuídas a Antônio Nobre que mais interessaram à minha curiosidade, no volume que me mandou a Federação Espírita Brasileira. Algumas são simplesmente passáveis, mas outras trazem uma forte marca de identificação, parecendo mesmo sopradas ao ouvido de Chico Xavier pelo Espírito de Antô. Quem conhece a obra do poeta do "Só", não pode deixar de reconhecer como fino lavor, no estilo de Antô, esta quadrinha aos velhos:

(*) "A Noite", Rio, 14-8-44. R. Magalhães Júnior, da Acad. Brasileira de Letras.